

ESBOÇOS PARA UMA TEORIA DA ANGÚSTIA EM FREUD

SKETCHES FOR A THEORY OF ANXIETY IN FREUD

Eder Soares Santos

Universidade Estadual de Londrina

edersan@hotmail.com

RESUMO: Procuraremos mostrar como a angústia de castração aparece nas diversas obras de Freud que tratam desse tema, fazendo ver qual seria o paradigma no qual está apoiada esta teoria de angústia. A nossa suspeita, que esperamos seja confirmada no final deste artigo, é de que o complexo de Édipo é a referência central que sustenta essa teoria de angústia de castração.

PALAVRAS-CHAVES: Angústia; Castração; Complexo de Édipo.

ABSTRACT: This article aims to show that castration anxiety appears in several works by Freud dealing with this issue and outlines the paradigm on which the theory of anxiety is based upon. Our hypothesis, which we hope to confirm at the end of the article, states that the Oedipus complex is the central reference that supports the theory of castration anxiety.

KEY-WORDS: Anxiety; Castration; Oedipus Complex.

OS SONHOS E A ANGÚSTIA

Através de Freud, sabemos que um sonho pode representar um desejo (*Wunsch*) como realizado. O sonhar muitas vezes substitui situações da vida, apresentando-se sob as mais freqüentes e variadas condições. Encontramos nas crianças as mais simples formas de sonhos, pois suas produções psíquicas são menos complicadas que as dos adultos. Tais produções psíquicas são importantes porque confirmam a teoria de que os sonhos são realizações de desejos e, sendo esses sonhos, em geral, evidentes, não causam problemas para serem interpretados. Freud utiliza, como exemplo, os sonhos de seus filhos, as crianças que mais de perto ele podia observar, para provar suas conclusões.

Aparentemente, os sonhos aflitivos e os sonhos de angústia não parecem, por sua natureza, ser a realização de desejos. No entanto, deve-se observar os conteúdos *manifesto* e *latente* dos sonhos e a partir da interpretação desses sonhos, observar que a teoria não é inconsistente. Quando o desejo é irreconhecível, é sinal de que alguma defesa foi levantada contra ele, não deixando que o desejo se expresse senão de forma distorcida.

Podemos, portanto, supor que os sonhos recebem sua forma em cada ser humano mediante a ação de duas forças psíquicas...; e que uma dessas forças constrói o desejo [*Wunsch*] que é expresso pelo sonho, enquanto a outra exerce uma censura sobre esse desejo do sonho [*Traumwunsch*] e, pelo emprego dessa censura, acarreta forçosamente uma distorção na expressão do desejo.¹

A afirmação que Freud fizera em 1895 de que a neurose de angústia tem sua origem na vida sexual e que corresponde à tensão sexual acumulada, descarregada de forma inadequada, permite-nos dizer que “os sonhos de angústia (*Angstträume*) são sonhos de conteúdo sexual, cuja respectiva libido se transformou em angústia.”²

Observemos, então, o esquema das instâncias psíquicas. Os desejos recalcados fazem parte da primeira instância que sofre oposição e pressão por parte da segunda, que está ligada à consciência. Esses desejos existem de fato, ainda que “haja uma inibição simultânea que os contém”.³ Se eles chegam a se realizar, a derrota da segunda instância encontra expressão no desprazer, possibilitando os sonhos de angústia.

(...) quando ocorrem durante o sono sensações de natureza desprazerosa [*Unlustcharacter*] provenientes de fontes somáticas, o trabalho do sonho utiliza essa ocorrência para representar — sujeita à continuidade da censura em maior ou menor grau — a realização de algum desejo que é normalmente suprimido.⁴

Nos casos em que a angústia corresponde à libido recalcada, excitações psicosexuais, a angústia assume a totalidade dos sonhos de angústia com a finalidade de que os desejos dos sonhos não ocorram. Nesse caso, a censura exerce sua função e promove a distorção dos sonhos “para impedir a produção de angústia ou de outras formas de afeto aflitivo”⁵. Nesse caso, há dois fatores psíquicos envolvidos e que se correlacionam um é a inclinação para o afeto e o outro um conteúdo de representações. Tais fatores funcionam

da seguinte forma: quando ocorre a manifestação da angústia, há a evocação do conteúdo representativo que estava suprimido e o recalque, tendo sido liberado, conseqüentemente libera a angústia. Ou, dito de outro modo:

Quando um deles está correntemente ativo, evoca o outro, mesmo num sonho; num dos casos, a angústia somaticamente determinada evoca o conteúdo de representações suprimido e, no outro, uma vez liberado o recalque, o conteúdo de representações, com sua concomitante excitação sexual, evoca uma liberação de angústia.⁶

Segundo Freud, o processo psíquico gerador de angústia pode constituir a realização de um desejo. O desejo é algo que pertence à parte do sistema psíquico que, em sua primeira tópica, Freud chama do Inconsciente (*Ics.*), que, por sua vez, é repudiado e suprimido pelo Pré-consciente (*Pcs.*). Seria o bom funcionamento desse mecanismo que garantiria a nossa normalidade psíquica. O que serve de mediador entre o *Ics.* e o *Pcs.*, quando há conflito, são os sintomas neuróticos, que têm como função evitar uma irrupção da angústia.

De um lado, dão [os sintomas neuróticos] ao *Ics.* um escoadouro para a descarga de uma excitação e lhe fornece uma espécie de porta de escape, enquanto, de outro, possibilitam ao *Pcs.* controlar o *Ics.* até certo ponto.⁷

A supressão do *Ics.* é necessária porque o curso das representações inconscientes, em forma livre, poderia gerar

um afeto que, em sua origem, era prazeroso e se tornou desprazeroso depois do processo de recalçamento. A supressão tem por função impedir a liberação desprazerosa, sendo que tais representações são dominadas pelo Pcs. que as sufocando ou as inibindo, de modo a não poderem enviar impulsos que gerariam o afeto desagradável. Mas, quando a catexia do Pcs. cessa, então, um tipo de afeto pode ser liberado pelas excitações inconscientes, provocando desprazer, neste caso, angústia. (Freud, *Die Traumdeutung*, p.588)

Portanto, essas perturbações no sonho servem para chamar nossa atenção para algum acontecimento da nossa psique, acionando os mecanismos de equilíbrio do nosso organismo. Mas não só isso. Os sonhos de angústia escondem por traz de suas distorções desejos reprimidos, que por não poderem ser levados a efeito, assumem a conotação de angústia.

Exposto, portanto, como se apresenta a angústia nos sonhos nesta obra fundamental na teoria freudiana, *A Interpretação dos sonhos*, a pergunta que se impõem é a seguinte: Por que Freud trata da questão referente ao complexo de castração tão tarde (é o caso do Pequeno Hans que vai introduzir a questão), já que essa é uma questão intrinsecamente ligada ao complexo de Édipo e que este é, junto com a sistematização da primeira tópica, um dos pilares da obra freudiana, pelo menos até 1919, momento da publicação de *Além do Princípio de Prazer*? E por que não se falar em angústia de castração, já que Freud apresenta relatos de sonhos tão claros quanto a esse tema, como é, por exemplo, o caso do sonho do homem com uma machadinha que, assim, aparece descrito:

Um homem de vinte e sete anos, que estivera gravemente enfermo por um ano, relatou que entre seus onze e treze anos sonhara repetidamente (com uma grande angústia concomitante) que um homem como uma machadinha o estava perseguindo; ele tentava correr, mas parecia estar paralisado e não conseguia sair do lugar.⁸

Segundo Laplanche, em *Problématiques II* (1980), a questão está ligada a uma certa resistência de Freud em reconhecer a castração. E isso nos parece evidente. Porém, a resistência não é só pessoal; ela também é teórica. Toda a dificuldade está em Freud afirmar que o sonho é a realização de desejo. Como poderia, então, o sonho, que é realização de desejo, ser representado por algo, no mínimo, tão desprazeroso quanto a castração? Seguindo o próprio raciocínio de Freud em relação à primeira teoria de angústia, a excitação desse menino que teve o sonho do homem com uma machadinha é transformada em angústia, excitação proveniente da observação ou compreensão da relação sexual mantida pelos pais. Assim, a angústia aparece, como neste sonho citado acima, no conteúdo manifesto dos sonhos de certa maneira deformada, como o medo do homem com a machadinha. Sem dúvida, salta aos olhos a presença da castração neste sonho e que a angústia, neste caso, representa um medo, assim como procura um objeto ao qual se fixar. Ao que parece, se Freud tivesse que lidar com essas questões no momento da elaboração de *Die Traumdeutung*, suas pesquisas sobre o inconsciente e sobre o desejo teriam que ter sido interrompidas durante algum tempo. Laplanche justifica essa atitude freudiana da seguinte maneira:

Se ele não a viu, parece-me, foi por uma questão de lugar, como um objeto em demasiada evidência e que se procura durante horas, como o fumante que procura o cachimbo que ele tem na boca. No lugar onde a castração se encontra neste sonho [o homem com uma machadinha], isto é, no conteúdo manifesto, ela só podia, para Freud, barrar a investigação do inconsciente e a pesquisa do desejo.⁹

ANGÚSTIA DE CASTRAÇÃO EM DOIS CASOS CLÍNICOS EXEMPLARES

Antes de passarmos a uma problematização da angústia de castração, se faz necessário observarmos primeiro como ela se desenrola no caso do *Pequeno Hans*, caso clínico que inaugura a questão, assim como o caso do *Homem dos Lobos*, lugar em que a teoria castração aparece de forma mais completa.

A observação começa antes da manifestação do sintoma de fobia, tendo continuado dos 3 anos de idade até 4 anos e 9 meses, aparecendo nesta idade a fobia de cavalos, precedida pelo nascimento da irmã. O sintoma mostra, por um lado, a preocupação de Hans com o seu pênis, e, por outro, a escolha edipiana em favor de sua mãe, que lhe dispensava uma ternura excessiva. (Laplanche, *Problématiques I*, p.80)

Citaremos os dois episódios que dão origem à sua angústia:

“Em 7 de janeiro, ele foi passear no Stadtpark com a babá, como de hábito. Na rua começou a chorar e pediu que o levasse para casa, dizendo que queria ‘mimar’ (*schmeicheln*)

junto com sua mãe. Em casa, perguntaram-lhe por que não tinha querido continuar o passeio e havia chorado, mas ele não respondeu. Até o fim do dia esteve alegre, como sempre. Contudo, à noite ficou visivelmente angustiado¹⁰; chorava e não podia separar-se da mãe, desejando continuar ‘mimando’ com ela. Ficou, então, novamente alegre, e dormiu bem.

Em 8 de janeiro minha esposa decidiu levá-lo para passear, ela própria, a fim de observar o que é que o atormentava. Iam até o Schönbrunn, aonde ele sempre gostava de ir. De novo ele começou a chorar, não queria sair e estava assustado. Afinal, resolveu ir; na rua, contudo, estava visivelmente angustiado. De volta de Schönbrunn, disse à sua mãe, depois de intensa luta interior: ‘Eu temia que um cavalo me mordesse’¹¹

É com esses relatos feitos pelo pai de Hans que Freud considera ter início a angústia e a fobia do *Pequeno Hans*. Mas, mesmo antes destes, Freud já houvera recebido alguns outros informes, nos quais o pai de Hans, adepto da teoria psicanalítica freudiana, relatara o interesse do menino pelo pênis de alguns animais, especialmente os grandes, como o cavalo. Neste caso, por ser o pai que conduz a análise, ele vai figurar como o terapeuta, e Freud, como o seu supervisor. Isso será favorável porque se terá uma compreensão do caso que parte do momento inicial.

A primeira manifestação de angústia do pequeno Hans aparece num sonho¹² que tivera antes do primeiro passeio, sonho no qual ele estaria pensando que, enquanto dormia, sua mãe havia ido embora, o que lhe impossibilitaria de receber “mimo” por parte dela. Isso provocou, segundo Freud, um

aumento de afeição por sua mãe que, depois, se transformou em angústia. Hans não podia ainda se dar conta disso, nem no momento em que acordara assustado e correria para o quarto de seus pais, nem no passeio com sua baba, pois não havia ainda um objeto representativo de sua angústia.

A angústia de Hans, que assim correspondia a uma ânsia erótica reprimida, como toda angústia infantil, não tinha um objeto com que dar saída: ainda era angústia [Angst] e não medo (Furcht).¹³

Não há ainda fobia. Sua angústia esta mesclada com sentimentos de ternura, e o fato de ficar assustado à noite, leva a supor que, à hora de dormir, sua libido se intensificava, pois, talvez, ele desejasse dormir com sua mãe, objeto dessa libido.

Nota-se, então, um forte anseio reprimido, que se transforma em satisfação quando o objeto é concedido. Mas, Freud faz perceber que, quando a angústia já está instalada, não se tem como retransformar a libido, pois há alguma coisa a retê-la. No segundo passeio que o Pequeno Hans faz com sua mãe, o seu objeto de desejo está presente, e, mesmo assim, ainda permanece um pouco de angústia, pois só consegue sair à rua depois de alguma resistência. É neste passeio que encontra um outro objeto que, desta vez, ele consegue expressar como o medo de ser mordido por um cavalo.

Com o seguimento da análise feita pelo pai de Hans, sua angústia com relação aos cavalos vai ficando mais detalhada. Num outro episódio, Hans se põe de acordo com o seu pai

de que nem todos os cavalos mordiam, apenas os brancos. Ele falava em um cavalo branco que havia em Gmunden, lugar onde eles passavam as férias, que mordeia quando se lhe estendia os dedos. Isso se devia ao fato de ele vir se masturbando já há algum tempo à noite antes de dormir. Mais tarde, descobrimos que não é, realmente, de qualquer cavalo que ele tem medo, mas, em especial, daqueles que “têm uma coisa preta na boca” a qual ele não consegue definir o que seja, daqueles que puxam carroças de mudanças muito pesadas e daqueles das carruagens, por ter visto uma vez o cavalo de uma delas cair. Hans considerava que, a partir desse momento, ele adquiriu sua fobia, pois teve medo, segundo ele mesmo, que o cavalo caísse e o mordesse. Sua angústia referia-se a certos tipos de cavalos, mas de início ela assume características gerais por estar fixada em elementos do complexo relativo a cavalos.

(...) a angústia, originalmente, não encerrava referência alguma a todos os cavalos, mas para eles se transpunha de modo secundário, e acabara por ficar fixada naqueles elementos do complexo relativo a cavalos, que se revelavam bem adaptados a determinadas transferências [Übertragungen].¹⁴

O complexo de castração vem à tona através da conversa que Hans tinha tido com seu pai no zoológico. Observando as diferenças entre os grandes animais (cavalos e girafas) e os pequenos, o menino queria saber se os “pipis” desses bichos estavam bem presos. Porém, não só essa sua preocupação em fazer diferenciações e comparações têm aqui sua importância

para a formação desse complexo, mas, também, uma antiga ameaça que a mãe lhe fizera de castrá-lo, caso ele continuasse a se masturbar, e que aparece em um dos seus sonhos. (Laplanche, *Problématiques I*, p.84)

A aceitação da diferença entre os sexos aparece após essa visita ao zoológico e através seus desenhos. O Édipo é marcado por suas constantes idas ao quarto de seus pais todas as manhãs, a procura do carinho de sua mãe que o recebia ternamente, mesmo com as reprovações do pai.

Na visita que Hans e seu pai fazem a Freud, este faz notar um fato importante para a análise: o pai de Hans usava óculos e bigodes pretos, sendo que Hans já tinha contado a seu pai sobre algo preto que os cavalos, dos quais ele temia, portavam sobre a boca. Esta informação é importante porque vem completar a conseqüente explicação que Freud dera a Hans de que ele tinha medo do seu pai e amava sua mãe e que seu pai já sabia disso, não tendo porquê temê-lo, ou seja, Freud lhe dá a explicação do complexo de Édipo.

Desse modo, Hans assume, mesmo sem o saber, o seu papel nesse mito, indo, também, de encontro com a sua punição. Como o esperado, que seria advir alguma punição da parte de seu pai, não acontece, ele, então, toma a iniciativa dando-lhe, em certa ocasião, uma cabeçada no seu ventre, que o pai, por reflexo, repele com um tapa, recebendo Hans, assim, sua punição e fazendo o pai assumir o seu papel no mito. (Laplanche, *Problématiques I*, p.85-86)

Até então, Freud e o pai de Hans conduziam suas investigações sobre a hipótese de que o sintoma deste menino traduzia o complexo de Édipo, concebendo essencialmente

como positivo e não invertido. Essa possibilidade só será levada em conta no caso clínico do *Homem dos Lobos* já que, tanto Freud como o pai de Hans não queriam (ou não suportavam) a idéia da presença de um certo homossexualismo por parte do menino em relação ao seu genitor. Assim, segundo Laplanche, “eles são guiados pelo pressuposto de que se trata, antes de tudo, de um Édipo, onde o sentimento positivo, o amor, está dirigido para a mãe e a hostilidade contra o pai.”¹⁵

A libido de Hans, que se transformara em angústia, estava ligada ao seu medo de ser mordido por um cavalo. Freud diz que não podemos classificar esse caso como agorafobia, pois para essa doença o que se tem é a incapacidade de locomoção do paciente em lugares públicos, mas que é contornada quando alguma pessoa de confiança do paciente lhe acompanha. A fobia de Hans não está centrada na locomoção e sim nos cavalos. Por isso, ele prefere classificar esse tipo de fobia como *histeria de angústia*.

Na histeria de angústia a libido não é convertida, mas é liberada na forma de angústia, podendo estar combinada com a “histeria de conversão”. A histeria de angústia é, segundo Freud, muito comum, sendo “*as neuroses da infância par excellence*”.

As fobias são as formas mais comuns de desenvolvimento da histeria de angústia. Como não há meio de efetuar a retransformação da angústia em libido, nem estabelecer contato com os complexos que foram fonte dessa libido, o que se passa é o afastamento de todo motivo possível que possa levar à angústia, através de barreiras mentais que se tornam estruturas protetoras (Freud, *Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben*, Band VII, p.350).

Freud analisa o sonho de Hans como o desejo inconsciente que o menino tinha de trocar carinho com sua mãe, tendo a sua angústia somática provocado a ansiedade de realizar esse desejo. Mas o sonho falhou na sua função e a criança acordou num estado de angústia. Freud reconstrói dessa maneira o que poderia ter se passado no inconsciente da criança:

A criança sonhou trocando carinhos com sua mãe e dormindo com ela, mas todo o prazer foi transformado em angústia, e todo o conteúdo ideativo, no seu oposto. A repressão [Verdrängt] derrotou a finalidade do mecanismo de sonhar.¹⁶

Hans teme as carruagens e os cavalos carregados por associá-los à sua mãe e ao nascimento. Aqueles estariam carregados de crianças e poderiam parir, assim como sua mãe pariu a sua pequena irmã. Hans, a essa altura, substitui o conto popular da cegonha por um outro, combinando o real e o irreal, deixando clara a sua perfeita compreensão do fato de que sua mãe esteve grávida e pariu uma criança. Outra associação sua que denota a presença da fase anal, é com relação aos “lumfs”, pois considera que as carruagens e os cavalos pesadamente carregados continham excremento.

Nascimento e defecação, criança e excremento são sem cessar relacionados por ele [Hanns], segundo equações simbólicas correntes, as quais Freud nos habituou, e que fazem com que uma compreensão do nascimento passe pela criança, quase necessariamente, por uma teoria anal, excremental.¹⁷

Todo sintoma, no sentido mais amplo, tem necessidade de uma energia que o mantém. Todo sintoma deve portar um certo “benefício” e, portanto, pode ser incluso num certo exercício pessoal. Para Freud, a angústia na fobia é só um caso particular da origem de todo sintoma e só admite uma origem energética possível à toda formação inconsciente: a libido ou o desejo. (Laplanche, *Problématiques I*, p.100)

Os ataques de angústia do Pequeno Hans são as lembranças de dois acontecimentos que lhe assustaram. O primeiro é o seu desejo de possuir o seu objeto amado que sabia ele não poder possuir, daí o sonho que viria para realizar essa sua vontade impossível, mas que, por alguma falha, fez manifestar a angústia. O segundo é a falta do seu objeto desejado, o que o coloca em estado de angústia. A neurose de angústia se acentua, assumindo um lugar em sua psique, ainda que, nesse momento, não exista o objeto representativo, sob o qual se fixaria a fobia. Uma vez manifestada a angústia, não há como retransformá-la em libido. Assim, Hans vai ter que lidar, obrigatoriamente, com sua angústia, ou melhor, sua histeria de angústia e tentar superá-la.

Neste caso de angústia, o fundamental a se observar é que o afeto de angústia é a transformação de um desejo, transformação da libido, e que ela não provém de uma outra angústia. Ela aparece antes do objeto fóbico. Nos dois primeiros ataques não há um objeto, tanto no sonho como no primeiro passeio, o Pequeno Hans consegue se acalmar com a presença da mãe e não sabe dizer porque se sente angustiado. Mas, uma vez tendo se manifestado a angústia,

é impossível reconvertê-la, ainda que o objeto amado esteja presente. Sendo assim, mesmo com a presença da mãe no segundo passeio, a angústia não se converte em libido novamente. Ela precisa, então, procurar um objeto no qual se fixar, no caso de Hans, o medo de ser mordido por um cavalo. Portanto, só num segundo momento vem o objeto se juntar à angústia.

Passemos a um breve estudo da angústia de castração no caso clínico de *O Homem dos Lobos*. A análise deste paciente está centrada sobre a questão da fobia infantil que, a partir da análise do caso do *Pequeno Hans*, já não é mais uma novidade, e sobre o sonho de angústia, no qual o menino vê a janela do seu quarto se abrir e sobre uma árvore ele vê alguns lobos sentados. Este sonho, segundo Freud, guarda em si dois significados cuja análise mostrará ser de fundamental importância: a idéia de uma cena originária (*Urszene*) e a idéia de que essa cena originária — visão do coito parental — está ligada à castração.

No caso de *O Homem dos Lobos* a observação da cena originária, na idade de um ano e meio, acentuou nele preponderantemente uma escolha objetal passiva, a qual seu ego rejeitou por ser incompatível com a ação do órgão genital masculino. Dessa forma, a atitude homossexual vai ser reprimida pelo reconhecimento da existência da castração.

Uma consideração mais atenta leva-nos a uma conclusão como a que se segue. O que foi reprimido foi a atitude homossexual compreendida no sentido genital, atitude que se havia formado sob a influência desse reconhecimento da castração.¹⁸

O ego não desenvolve a angústia de castração, neste caso clínico, simplesmente a fim de evitar o perigo de castração, mas, sim, para se proteger de um perigo ainda mais esmagador, o da satisfação homossexual.

A situação após o sonho, então, pode ser descrita como se segue. As tendências sexuais haviam sido divididas: no inconsciente, atingira-se o estágio de organização genital e estabelecera-se um homossexualismo muito intenso; em cima disso (verticalmente no consciente), persistia a antes sádica, e agora predominantemente masoquista, corrente sexual; o ego modificara totalmente a atitude em relação à sexualidade de vez que agora a repudiava e rejeitava os objetos masoquistas dominantes com angústia, tal como reagira aos objetos homossexuais mais profundos com a formação de uma fobia.¹⁹

Quanto à angústia de castração, não há nenhuma inovação, pois o caso do *Homem dos Lobos* é tratado a partir da mesma perspectiva do caso do *Pequeno Hans*; ou seja, a partir da efetivação da organização genital, o menino percebe a diferenciação entre seu órgão sexual e um outro feminino e, ao mesmo tempo, por causa das ameaças já uma vez proferidas, conclui que corre perigo de castração, surgindo, por isso, a angústia que vai procurar um objeto ao qual se fixar. A novidade consiste em considerar um complexo de Édipo negativo ou invertido, por causa da tendência homossexual apresentada pelo paciente.

Poderíamos dizer que percorremos até aqui a metade do caminho. Na verdade, a metade mais leve, menos árdua, pois estamos nos aproximando de 1919, com a obra *Além do*

princípio de prazer, e *O Ego e o Id* de 1923. Isto é, aproximamo-nos da problemática das pulsões e da segunda tópica freudiana. Portanto, é o momento de mudanças na metapsicologia freudiana, por vezes não muito claras, que carregam consigo dificuldades que se impõem a todo aquele que pretende estudar a sua teoria psicanalítica. De nossa parte, tentaremos contornar esses problemas, pois nos afastaríamos do objetivo desse nosso capítulo que é, num primeiro instante, marcar o desenvolvimento da angústia de castração a fim de destacar uma certa possibilidade paradigmática na teoria freudiana.

ANGÚSTIA E PULSÕES

Iniciaremos por tratar da questão dos sintomas. Podemos dizer que ele é o resultado de um processo repressivo que assume a sua função repressiva, por meio do ego, que não permite que determinada catexia pulsional, provocada pelo id, venha a se realizar.

Um sintoma é um sinal substitutivo de uma satisfação pulsional [Triebbefriedigung] que permaneceu em estado jacente; é uma consequência do processo de repressão.²⁰

Contudo, a questão principal não se centra sobre a análise conceitual do sintoma. O problema consiste em saber o que aconteceu com a pulsão gerada pelo id que não encontrou satisfação. A resposta que Freud tinha até então, mas que ainda assim não o convencia, era a de que “o prazer

que se teria esperado da satisfação fora transformado em desprazer”²¹. No entanto, como poderia um desejo pulsional produzir desprazer? É por causa desse problema que Freud colocou a si mesmo, que ele vê a necessidade de repensar a questão. Para não alongar em demasia este trabalho, apenas tentaremos, nesta parte, reproduzir o que para nós parece ser o mais importante.

A possibilidade que Freud entrevê para tal questionamento seria considerar que o processo excitatório no id não ocorre de modo algum, pois o ego sempre iria inibi-lo ou defleti-lo. Não obstante, essa conclusão remete à outra questão: Que ego tão poderoso é este que consegue ter controle sobre os processos do id?

Na verdade, esse ego não é tão poderoso assim. Para ser mais preciso, ele é impotente frente ao id. O que acontece em sua influência sobre os processos no id está ligado às vinculações íntimas do ego com o sistema perceptual, que, por sua vez, está ligado à manifestação da consciência. Esta recebe, tanto do exterior como do interior, excitações que, por meio das sensações de prazer e desprazer, entram em relação com os fatos mentais em conformidade com o princípio de prazer. Logo, o modo que o ego tem para se opor a esses processos, acredita Freud, é dar um *senal de desprazer* (*Unlustsignal*), teoria que Freud já apresentara na Conferência XXV²² (1915-16), com o nome de *estado de preparação* (*Angstbereitschaft*) sobre o qual, agora, ele poderá aprofundar-se mais detidamente.

Todavia, ainda agora, resta uma pergunta e sua resposta deverá nos revelar algo de muito importante para a nova teoria da angústia. “De onde provém a energia empregada

para transmitir o sinal de desprazer”?²³ Para Freud, o ego debela os perigos internos, do mesmo modo que o faz quando enfrenta os perigos externos, ou seja, através da fuga. A analogia que faz é a seguinte: quando estamos diante de um perigo real, nossa primeira medida de defesa é retirar nossa atenção do objeto que está nos causando tanto mal, e o próximo passo é nos afastarmos desse objeto. Da mesma forma, quando se fala de perigo interno; o que equivale a essa tentativa de fuga é a repressão. Assim, não vamos dizer que o ego foge à percepção do objeto de perigo, mas que retira “sua catexia do representante pulsional que deve ser reprimido e utiliza essa catexia para a finalidade de liberar o desprazer (angústia)”²⁴. Com isso, como Freud mesmo o reconhece, ele é forçado a abandonar aquela sua explicação descritiva da angústia e passar a um relato realmente metapsicológico, pois não pode mais considerar, com base em sua última explicação, que a energia libidinal defletida se transformou em angústia. Isto porque o ego passa a ser sede real da angústia.

O problema de como surge a angústia em relação com a repressão pode não ser simples, mas podemos legitimamente apegar-nos com firmeza à idéia de que o ego é a sede real da angústia, e abandonar o nosso ponto de vista anterior de que a energia catexial do impulso reprimido é automaticamente transformada em angústia.²⁵

É chegada a hora, portanto, de Freud abandonar sua teoria econômica da angústia, uma vez que ela é incapaz de responder de que forma um mero processo de descarga

pode produzir desprazer ou angústia, sendo que estes só podem surgir como aumento da catexia. Pois bem, Freud vai em busca de uma nova teoria. Ele não mais vai considerar que a angústia é criada novamente na repressão, mas que ela é a reprodução de um estado afetivo de algo muito significativo já ocorrido na vida do indivíduo.

A resposta é que essa seqüência causal não deve ser explicada de um ponto de vista econômico. A angústia não é criada novamente na repressão; é reproduzida como um estado afetivo de conformidade com uma imagem mnêmica já existente.²⁶

Para Freud, os estados afetivos são precipitados de experiências traumáticas primevas que se incorporaram à mente do indivíduo. Estes símbolos mnêmicos, toda vez que ele se encontra numa situação que o faça reviver, mesmo que inconscientemente, tal trauma, sempre reincidem sobre o estado presente do sujeito. No que se refere à angústia, o ato do nascimento pareceria corresponder a esse trauma primevo da experiência de angústia no indivíduo (ponto de vista que já fora sustentado na Conferência XXV). Apesar dessa consideração, Freud não pensa estar justificado o fato de se presumir que sempre ocorre uma irrupção de angústia toda vez que a reprodução da situação de nascimento se dê na mente.

No entanto, Freud aqui ainda está tratando da questão dos sintomas e, diz ele, não se poderá entender nada sobre estes enquanto estivermos presos à observância das tentativas do ego. Ele quer esclarecer que, quando um movimento pulsional

(*Triebregung*) surge, o ego, através do sinal de desprazer, vai criar uma repressão a tal movimento, e se ela obtiver sucesso, nós nunca saberemos o que se passou em nossa psique. Só descobriremos algo sobre essa pulsão se a repressão tiver, em maior ou menor grau, falhado. O que temos é que, mesmo com a repressão, o movimento pulsional encontrou um substituto “muito mais reduzido, deslocado e inibido, e que não é mais reconhecível como uma satisfação”²⁷. Como esse impulso substitutivo não se apresenta mais como uma satisfação, sempre que ele venha a se realizar, apresentar-se-á como um desprazer, tornando-se uma compulsão.

Deste modo, o impulso substitutivo torna-se, pelo imperativo do ego, um sintoma, pois este impulso deve ser impedido a todo custo de se realizar e de encontrar descarga pela motilidade. Ainda que isso não se realizasse, este impulso teria que ser gasto nas alterações do próprio corpo. Assim sendo, o sintoma é a representação patológica de alguma falha ocorrida no processo de repressão, utilizado como instrumento do ego para salvaguardar a sanidade mental do indivíduo.

Entretanto, é preciso ainda nos demorarmos sobre esse ego que se apresenta, ora como algo fraco diante do id ora como controlador dos movimentos pulsionais.

ANGÚSTIA E EGO

Para Freud, essa contradição é aparente e está relacionada com o fato de se abstrair, de maneira muito rígida, os conceitos de ego e de id. É justo que se separe ambos, para

que se possa efetuar algumas considerações, pois o “ego é idêntico ao id, sendo apenas uma parte especialmente diferenciada do mesmo”²⁸. É claro que o ego será fraco se o considerarmos em campo distinto e oposto ao id, mas, se o ego permanece ligado indistintamente ao id, sua força se torna factível. O mesmo se pode dizer da relação do ego com o superego. É inteiramente errado supor que o ego e o id estão em campos opostos e que, toda vez que o ego tenta inibir algum impulso do id através da repressão, eles (ego e id) estariam competindo ente si. Pelo contrário, “na repressão, o fato decisivo é que o ego é uma organização e o id não. O ego é, na realidade, a parte organizada do id”²⁹.

Por um lado, o ego demonstra sua força através do ato de repressão, mas, por outro, ele se mostra impotente em relação às pulsões do id, pois estas, tendo se transformado em sintomas, não estarão mais sob a influência controladora do ego. Não obstante, ainda assim, o ego, por sua própria natureza de ser algo organizado, fará tentativas de restauração e reconciliação desses impulsos.

Portanto, é natural que o ego deva tentar impedir que os sintomas permaneçam isolados e alheios utilizando todos os métodos possíveis para agregá-los a si de uma maneira ou de outra, e para incorporá-los em sua organização por meio desses vínculos.³⁰

O ego é, então, obrigado a lutar em duas frentes: o da reconciliação e o da destruição ou afastamento. Pois, por um lado, em sua disposição pacífica, quer incorporar o sintoma a si, mas, por outro, o sintoma, sendo um impulso

substituto derivado de um outro que já fora tentado ser reprimido, representa as exigências de um prazer proibido, obrigando o ego, através do sinal de desprazer, a defender-se, ou seja, a reprimi-lo. Dessa forma, não se pode acusar o ego de agir incoerentemente, pois ele precisa atuar como um agente duplo a fim de sustentar sua própria lei.

SE ANGÚSTIA, ENTÃO CASTRAÇÃO

Como o sintoma assume muitas formas, havendo uma variedade de métodos e diferentes campos para tratá-lo, Freud pensa ser necessário estudar as diferentes formações de sintomas, a fim de que se possa, realmente, atingir o problema da angústia. Para tanto, começará estudando os sintomas produzidos pela neurose histérica. Novamente, nada melhor para ilustrar essa análise que a retomada do caso do “Pequeno Hans” (1909), decisivo para o estudo de algumas neuroses nas obras freudianas.

Em um caso concreto de doença neurótica, as dificuldades são bem maiores. É preciso saber qual foi o impulso reprimido, que sintoma substitutivo se encontra presente e onde está o motivo de repressão (Freud, v. XIV, 1991). No caso do Pequeno Hans, o que se tem manifesto é que ele se recusava a sair à rua porque tinha medo de cavalos. A partir disso, Freud coloca algumas perguntas que orientam sua análise:

Que parte disto constituía o sintoma? Era ele ter medo? Era sua escolha de um objeto para o seu temor? Era ele ter abandonado sua liberdade de movimento?

Ou era mais de um desses fatores combinados? Qual foi a satisfação a que ele renunciou? E por que teve que renunciar a ela?³¹

Não parece, para Freud, ser difícil distinguir, neste caso, qual é o sintoma e a inibição. O sintoma era o medo inexplicável de cavalos e a inibição, a incapacidade de sair à rua, devido ao medo de que essa atitude causasse o sintoma de angústia. No entanto, o sintoma vai se tornando mais complexo. No caso do Pequeno Hans, primeiro, passa a ser medo de que um cavalo pudesse “mordê-lo”, depois, acrescenta-se a isso, medo de um cavalo com uma coisa preta em cima da boca, mais tarde passou a ser medo de cavalos brancos e também cavalos que transportavam cargas. O que temos no início do caso é uma angústia não fixada em um objeto. Todavia, depois que Hans identificou o cavalo como objeto de seu temor, então, deu-se lugar à fobia.

Hans estava vivendo o seu complexo de Édipo e, em consequência, sua atitude para com o pai, ciumenta e hostil, constituía um complexo de Édipo positivo, embora demonstrasse amá-lo muito (tendência homossexual que Freud só vai aceitar na análise do caso clínico de *O Homem dos Lobos*). Nota-se, portanto, que há um conflito devido à ambivalência, isto é, “um amor bem fundamentado e um ódio não menos justificável dirigidos para a mesmíssima pessoa”³². No entanto, o que se espera que ocorra num conflito de ambivalência é que um dos dois sentimentos se intensifique em detrimento do outro; situação que não ocorre com o Pequeno Hans.

Percebe-se que a pulsão que sofreu repressão foi um impulso hostil contra o pai, pois, com base na análise e em seus relatos, revela-se que sua vontade era a de que o pai caísse de um cavalo e se ferisse, assim como acontecera certa vez quando brincava com um amigo. Ainda assim, Freud não vê nenhuma ligação entre a pulsão reprimida e a fobia por cavalos. Para ele, não podemos relacionar o medo, no caso desta fobia, a um sintoma, pois “se o ‘Pequeno Hans’, estando apaixonado pela mãe, mostra medo do pai, não podemos de modo algum dizer que ele tinha uma neurose ou fobia”³³. O esperado, numa atitude normal, é que ele tivesse mesmo medo do pai, e o que torna sua reação emocional uma neurose é o fato de ter feito “a substituição do pai por um cavalo”³⁴. É este deslocamento que devemos chamar de sintoma. O que se passa com esse caso de conflito de ambivalência é que os impulsos conflitantes são dirigidos a um substituto da pessoa a quem esses se destinam. O esperado do Pequeno Hans não era que tivesse medo de cavalos, mas que quisesse lhes infligir todo tipo de sofrimento possível. Porém, Freud considera que, ainda que o menino tivesse desenvolvido essas tendências contra o cavalo e não contra o pai, não poderíamos admitir que ele estivesse sofrendo de uma neurose. Portanto, conclui Freud: “deve haver algo de errado com o nosso ponto de vista da repressão, e com a nossa definição de sintoma”³⁵. Pois, se Hans tivesse agido de forma a maltratar os cavalos, ele só teria mudado o objeto para o qual a pulsão objetável e agressiva estava sendo dirigida.

Todavia, antes de analisar essa sua última tese, Freud toma em seu auxílio um outro caso de fobia de animais: o caso do “Homem dos Lobos”. Também neste, o animal, no caso

o lobo, surge como um substituto do pai. A sua neurose tem início com um sonho que tivera, em que um lobo queria devorá-lo. O motivo de encontrar no lobo o agente causador de angústia está ligado ao fato de o pai assumir a personagem de lobo quando brincava com esta criança. O mesmo se passa no caso do Pequeno Hans, pois seu pai, às vezes, também brincava de “cavalinho” com ele, assumindo essa personagem. Um outro caso é o de um paciente norte-americano, que não se relaciona à fobia de animais, mas vem ao encontro do lugar em que Freud está pretendendo chegar. Segue o relato de Freud:

Quando criança ele fora sexualmente excitado por uma fantástica história infantil, que lhe fora lida em voz alta, sobre um chefe árabe que perseguia um ‘homem feito de especiarias’, a fim de comê-lo. O menino identificou-se com essa pessoa comestível, tendo o chefe árabe sido facilmente reconhecido como um substituto do pai.³⁶

A idéia de ser devorado pelo pai assume um sentido erótico genital. Em ambos os casos, o do “Homem dos Lobos” e o do “Pequeno Hans”, é claro que a pulsão reprimida era a hostil contra o pai, não só um impulso agressivo, mas também um impulso passivo dirigido ao pai, formando, assim, um par de opostos. Agora, se tomarmos os casos separadamente, em Hans percebe-se um “complexo de Édipo positivo”, isto é, “podemos dizer com certeza que aquilo que sua fobia eliminou foram os dois principais impulsos do complexo edipiano - sua agressividade para com o pai e seu excesso de afeição pela mãe”³⁷. Quanto ao “Homem dos Lobos”, o que se desenvolveu

de modo acentuado foi o lado passivo feminino. De qualquer forma, ambos os casos seguem rumos diferentes quanto ao resultado final, mas, mesmo assim, ambos continuam a ser fobias. Freud se pergunta qual poderia ser, então, o fator que as liga uma a outra. A resposta parece ser encontrada sobre a força motriz da repressão, qual seja: o *complexo de castração*.

Parece-me que em ambos os casos podemos detectar qual foi a força motriz da repressão e podemos consubstanciar nosso ponto de vista sobre sua natureza a partir da linha de desenvolvimento que as duas crianças subsequenteiramente seguiram. Essa força motriz era a mesma em ambas, a angústia diante da ameaça de castração.³⁸

Logo, seja no medo do Pequeno Hans de que o cavalo o “mordesse” e arrancasse o seu órgão genital que o distinguia de uma mulher, seja no caso do paciente russo, no qual não havia nenhuma referência direta à fase fálica, pois a repressão trabalhara muito bem no sentido de encobri-la, tratam-se, em ambos os casos, em última instância, da problematização em torno do complexo de castração.

As idéias contidas em suas angústias, isto é, o medo de ser mordido ou devorado, não passavam da distorção de uma outra idéia mais pregnante: a de ser castrado pelo pai. Então, conclui-se que o afeto de angústia não pode mais ser considerado como conseqüência do processo de repressão, nem das catexias libidinais dos impulsos reprimidos, mas deve-se, sim, considerar ser ela que produz a repressão.

Mas o afeto de angústia, que era a essência da fobia, proveio, não do processo de repressão, não das catexias

libidinais dos impulsos reprimidos, mas do próprio agente repressor.(...) Foi a angústia que produziu a repressão e não, como eu anteriormente acreditava, a repressão que produziu a angústia³⁹

Portanto, Freud percebe, a necessidade de reconhecer que sua primeira teoria estava errada, pois estas novas conclusões a respeito do estudo das fobias põe-na por terra. Assim, tanto a fobia de animais, como a angústia sentida na agorafobia resumem-se numa única e mesma coisa: medo da castração. Aprende-se também que é “sempre a atitude de angústia do ego que é a coisa primária e que põe em movimento a repressão. A angústia jamais surge da libido reprimida.”⁴⁰

Apesar de reconhecer o peso dessas suas afirmações, Freud ainda não quer se deixar convencer de que sua primeira teoria de angústia esteja de todo errada e que não houvesse algo ali que se pudesse aproveitar, por isso ainda diz:

As observações que fiz na ocasião ainda são válidas. Além disso, não se pode negar que a libido que pertence aos processos do id está sujeita à perturbação por instigação da repressão.⁴¹

CASTRACÃO: PERIGO IMINENTE

Freud analisa também a relação da histeria de conversão e das neuroses obsessivas com os sintomas. Não reproduziremos aqui o seu estudo, pois, apesar de trazer muitas novidades interessantes, não toca diretamente no problema da angústia,

antes, traz mais questões para as quais Freud ainda não tem uma solução definitiva.

Todas as três (fobias, histerias de conversão e neurose obsessivas), têm como resultado a destruição do complexo de Édipo; e em todas as três a força motora da oposição do ego é, acreditamos, o medo da castração. Contudo, é somente nas fobias que esse medo aflora e é reconhecido. O que lhe aconteceu nas outras duas neuroses? Como o ego poupou a si mesmo essa angústia [Angst]?⁴²

Faz-se necessário, então, que nos concentremos sobre o estudo da angústia para que possamos chegar à resolução dessas questões.

O perigo de castração impõe ao ego, no caso das fobias a animais, que ele se oponha à catexia de objeto libidinal que provém do id. Sabemos, no caso de uma neurose, que o ego está, antes de qualquer coisa, defendendo-se contra as exigências libidinais do id. No caso da fobia de Hans, sua ligação afetiva com a mãe foi reprimida e em seu lugar surgiu o sintoma, um substitutivo, em forma de impulsos agressivos. No caso do “Homem dos Lobos”, foi seu impulso homossexual com relação ao pai que foi reprimido e, a partir daí, têm lugar os seus sintomas. É preciso ter em mente, então, que a repressão é “um processo que possui uma relação especial com a organização genital da libido e que o ego recorre a outros métodos de defesa quando é obrigado a proteger-se contra a libido em outros níveis de organização.”⁴³

Sempre que se está na iminência do perigo de ser castrado, o ego dá um sinal de angústia (sinal de desprazer) a fim de

impedir que alguma catexia do id se realize. Logo após, esta angústia, no caso das fobias, é dirigida a algum objeto diferente e distorcida, o que oferece a vantagem de evitar o conflito de ambivalência e permitir ao ego gerar a angústia somente na situação em que o objeto temido se apresenta, o que nos leva a concluir, segundo Freud, que a angústia que se encontra em uma fobia é condicional. Às fobias, ainda, pode-se imputar uma natureza projetiva, pois substituem um perigo interno pulsional por um externo perceptual. No entanto, Freud mesmo se dá conta de que esse seu ponto de vista não atinge a profundidade da questão, pois uma pulsão só oferece perigo na medida em que o perigo externo se traduz como temor de ser castrado.

Essa minha afirmação não foi incorreta, mas não penetrou a superfície das coisas, pois uma exigência pulsional [Triebanspruch] não é afinal de contas, perigosa em si; somente vem a ser assim, visto que acarreta um perigo externo real, o perigo de castração.⁴⁴

Como conclusão, uma segunda possibilidade para a angústia pode ser apontada: a de que ela não é apenas a emissão de um sinal de desprazer, mas que ela também pode ser revivida a partir de certas condições pré-dadas, ou seja, o ego está preparado para esperar a castração, tendo aprendido isto através de perdas repetitivas de objeto, o que faz voltar à tona o problema da angústia como reação a uma perda ou separação. Essa discussão implica a questão da primeira experiência de angústia do ser humano: a experiência do nascimento. Entretanto, Freud não quer dar um veredicto final para esse problema, pois pairam muitas dúvidas sobre ele; por exemplo, se o feto

é uma criatura completamente narcísica, que não se sabe enquanto objeto, por que a separação da mãe no momento do nascimento poderia consistir em um trauma provocador de angústia? (Freud, v. XIV, p.161).

Para uma problematização da castração, duas abordagens se fazem possíveis: a primeira é a castração do lado da lei, ou seja, a castração concebida como sanção de uma certa lei e a segunda como sendo a castração, ela mesma, a lei. (Laplanche, *Problématiques II*, 1980)

De imediato, a pergunta que se faz é esta: O que é a angústia de castração? À primeira vista a resposta é simples. É a angústia advinda de uma ameaça terrível que é o perigo de castração. No entanto, na maioria das vezes, essa angústia está sujeita a diversas modificações que a tornam irreconhecível, de forma a não ser mais tão clara essa intencionalidade. O afeto (angústia) aparece deslocado da sua representação mais diretamente ligada (a castração), dando a impressão, num primeiro momento, de que estes deslocamentos estão livres de uma ligação com um objeto, parecendo ser um medo sem objeto. Por esse motivo, “a interpretação psicanalítica da angústia teria como via essencial reencontrar a castração por trás de seus disfarces, seus substitutos, seus equivalentes.”⁴⁵

O caso clínico do Pequeno Hans é, como já afirmamos, central e inaugural para a questão do complexo de castração. Outro texto fundamental para esta questão é *As teorias sexuais infantis*, de 1908, em que as conclusões de Freud a partir da análise do caso do Pequeno Hans, tomam uma forma mais concreta no que diz respeito à suas investigações sobre a sexualidade humana. No entanto, nesse momento, angústia e castração ainda não estão associadas. A castração é, então,

uma teoria que se impõe a Freud no sentido mais preciso do termo, servindo para colocar em ordem os fatos. (Laplanche, *Problématiques II*, 1980, p.43). Freud apresenta o complexo de castração como subseqüente a uma ameaça de castração:

O menino, no qual dominam principalmente as excitações do pênis, costuma obter prazer estimulando esse órgão com a mão. Seus pais e sua ama o surpreendem nesse ato e o intimidam com a ameaça de cortar-lhe o pênis. O efeito dessa ‘ameaça de castração’ [Kastrationsdrohung] é proporcional ao valor conferido ao órgão, sendo extraordinariamente profundo e persistente. As lendas e os mitos atestam o transtorno da vida emocional e todo o horror ligado ao complexo de castração, complexo este que será subseqüentemente lembrado com grande relutância pela consciência.⁴⁶

Nessa época, Freud ainda considerava a angústia como uma tensão sexual acumulada que não encontrou uma descarga apropriada, não considerando, portanto, a angústia como medo diante da possibilidade da castração. Dessa forma, segundo Laplanche, essa teoria de castração se estruturaria em quatro momentos diferentes e sucessivos de sua constituição, quais sejam: “primeiro ponto, a distinção dos gêneros, admitida a partir do momento em que a criança entrou no mundo adulto — portanto desde às origens ou em todo caso, e ainda mais, desde o momento em que ela teve acesso a um universo simbólico e em particular à nominação de gênero —, tornando-se diferença de sexos. Segundo ponto, esta diferença de sexos se especifica pela presença-ausência do pênis. O terceiro ponto seria que esta diferença de sexos

se explica pela ação de castração, uma castração realizada por um terceiro. Enfim, quarto ponto: em casos favoráveis, esta castração, esta possibilidade de castração, abre a via para um processo de restituição, senão, pelo menos, para uma promessa de mudança.”⁴⁷

Devemos estudar, segundo Laplanche, o complexo de castração a partir de dois pontos de vista que se coligem no final: por um lado, pelos componentes que o compõem e, por outro lado, pela sua função na relação com o complexo de Édipo. Seguiremos os apontamentos feitos por Laplanche em *Problématiques II* (1980) para tratar dessas duas questões.

Em primeiro lugar, podemos destacar os *precursores fálicos*, que correspondem às fases oral e anal. Estes aparecem em segundo plano, já que Freud concentra sua atenção sobre a fase genital, reservando ao pênis a possibilidade de castração. Outro componente importante é o *narcisismo*, que pode ser considerado dentro da teoria psicanalítica como um estado em que não há mediação entre o sujeito - que está fechado em si mesmo — e o mundo; ou “em uma outra interpretação, mais próxima da origem mesma da noção, o narcisismo é uma relação de si-mesmo com si-mesmo pelo intermediário de uma certa imagem de si: é isto, precisamente, que indica o mito de Narciso se olhando na água.”⁴⁸ Neste último caso, deparamo-nos com a totalização da imagem de si mesmo, onde está presente a noção de integridade que garante uma forma e uma totalidade ao sujeito, integridade que tem como contrapartida a possibilidade de uma ferida (*blesure*) (Laplanche, 1980). Essa integridade, que mais diretamente diz respeito a algo físico, ao corpo, pode se expandir para a instância do imaginário, que se

constitui a partir dessa primeira noção física e, em se expandindo, pode, num nível mais elevado, atingir a noção de eu (*moi*) que pode estar funcionando como imagem, metáfora de uma unidade corporal. (Laplanche, 1980, p. 63).

Ligadas a esse componente que é o narcisismo três constatações, se fazem importantes, sendo que uma delas estabelece a relação do narcisismo com a angústia de castração. A primeira constatação é aquela de que a integridade fálica narcísica é inseparável de uma intermutabilidade entre o corpo e seu pênis. O segundo ponto diz respeito à significação energética desta noção de narcisismo; um potencial energético que será utilizado para contrabalançar as tentativas de investimento, provindas do exterior contra essa unidade narcísica. Logo, uma unidade narcísica, ou imagem, deve se apresentar como uma unidade *carregada* (*chargé*) a fim de que ela (a unidade) possa ser defendida. Por fim, o problema do narcisismo possibilita a compreensão da angústia de castração:

Uma certeza na teoria da angústia em psicanálise é que a angústia deve ser interpretada para além do medo. Que a angústia seja sempre uma angústia do eu, como o diz Freud, isso só poder ter um sentido profundo: a angústia está ligada a uma desestruturação possível, a uma ameaça pela integridade dessa forma narcísica.⁴⁹

Desse modo, trata-se, por um lado, da possibilidade de ferir, de fragmentar, ou mesmo de um aniquilamento do corpo e, por outro, de um aspecto energético. Isto é, o excesso ou a extrema falta de um afluxo energético procura manter

a forma de um certo nível energético, forma esta que é a unidade narcísica. (Laplanche, *Problématiques II*, p.64)

Falta-nos, para finalizarmos essa questão dos componentes integrantes do complexo de castração, tratarmos da *percepção* da diferença entre os sexos e da *ameaça* de castração.

A ameaça de castração, nosso outro componente, é proferida por alguém, algum adulto, que estaria em convívio com a criança (esta foi nas análises de Freud durante muito tempo sempre um menino). Ameaça, segundo Freud, proferida, na grande maioria das vezes, pelas mulheres, seja por motivos filogenéticos, seja porque “*empiriquement, c’est donc généralement les femmes*”⁵⁰. Essa ameaça vem reforçada pela autoridade do homem, do pai, que é a quem as mulheres recorrem para fazer valer suas ameaças. É o homem, apesar da ameaça ser proferida pelas mulheres, que é o executor da pena, isto é, da castração. (Laplanche, *Problématiques II*, p.67)

Quanto à percepção, ela pode dar mostras ao menino que, então, percebe nos genitais femininos que não há nada lá para se ver, e que ele não vê o que ele esperaria estar lá para ser visto, ou seja, o pênis. Assim, o menino abre duas possibilidades para se resguardar diante do horror da castração: ou ele diz não haver nada a ser visto, não tendo, desse modo, que admitir que não existe um pênis, ou ele atenua sua percepção inventando uma desculpa, como a que o Pequeno Hans lança mão em certa ocasião:

Hans: Mas o pipi de Hanna vai crescer, não vai?

Pai: É claro que vai. Mas quando crescer não vai ser igual ao seu.

Hans: Eu sei disso. Vai ser a mesma coisa (isto é, como agora), só que maior.⁵¹

A percepção em si mesma é um componente insuficiente para que se compreenda a castração. É necessária que essa percepção venha seguida da ameaça de castração. O mesmo se passa, no caso dessa ameaça, se ela surge sozinha. É preciso, antes de tudo, que haja um elemento de ligação entre esses dois componentes. Esse elemento é a crença que faz com que eles se combinem e produzam o horror à castração. (Laplanche, *Problématiques II*, p.68)

O que se pode auferir, do exposto acima, é que angústia e complexo de castração estão intimamente interligados. Na verdade, o melhor seria dizer que não existe angústia sem que haja complexo de castração e que não há complexo de castração, que não pressuponha a angústia.

NOTAS

¹ Freud, S. “Die Traumentstellung”, *Die Traumdeutung. Gesamte Werke*, v. II/III, p.149.

² *ibid.*, p.167.

³ Freud, S. “Die somatischen Traumquellen”, *Die Traumdeutung. Gesamte Werke*, v. II/III, p.241.

⁴ *ibid.*, p.242.

⁵ Freud, S. “Typische Träume”, *Die Traumdeutung. Gesamte Werke*, v. II/III, p.274.

⁶ Freud, S. “Die somatischen Traumquellen”, *Die Traumdeutung. Gesamte Werke*, v. II/III, p.242.

- ⁷ Freud, S. "Das Wecken durch den Traum — Die Funktion des Traumes der Angsttraum", Die Traumdeutung. *Gesamte Werke*, v. II/III, p. 587.
- ⁸ id. *ibid.* p. 590.
- ⁹ Laplanche, J. *Problématiques II: Castration – Symbolisations*. Paris: PUF, 1980, p. 17.
- ¹⁰ "Abends bekommt er sichtlich Angst"
- ¹¹ Freud, S. Analyse der phobie eines fünfjährigen Knaben. *Gesamte Werke*, v. VII, p. 259-260.
- ¹² *ibid.*, p.259.
- ¹³ *ibid.*, p.261.
- ¹⁴ *ibid.*, p.286.
- ¹⁵ Laplanche, J. *Problématiques II: Castrations – Symbolisations*. Paris: PUF, 1980. p.29.
- ¹⁶ *ibid.*, p.352.
- ¹⁷ Laplanche, J. "L'Angst dans la névrose". *Problématiques I*. Paris: PUF, 1981, p.93.
- ¹⁸ Freud, S. Aus der Geschichte einer infantilen Neurose. *Gesamte Werke*, v. XII, p. 144-145.
- ¹⁹ *ibid.*, p.146-147.
- ²⁰ Freud, S. Hemmung, Symptom und Angst. *Gesamte Werke*, v. XIV, p.118.
- ²¹ id. *ibid.*
- ²² Freud, S. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse. *Gesamte Werke*, v. XI, p.410.
- ²³ Freud, S. *Loc. cit.*, p.119.
- ²⁴ *ibid.*, p.120.
- ²⁵ id. *ibid.*
- ²⁶ id. *ibid.*
- ²⁷ *ibid.*, p.122.
- ²⁸ *ibid.*, p.124.
- ²⁹ id. *ibid.*
- ³⁰ *ibid.*, p.125-126.
- ³¹ *ibid.*, p.129.
- ³² *ibid.*, p.130.
- ³³ *ibid.*, p.131.
- ³⁴ id. *ibid.*

³⁵ *ibid.*, p.132.

³⁶ *ibid.*, p.133.

³⁷ *ibid.*, p.136.

³⁸ *id. ibid.*

³⁹ *ibid.*, p.137.

⁴⁰ *ibid.*, p.138

⁴¹ *id. ibid.*

⁴² *ibid.*, p.153.

⁴³ *ibid.*, p.155.

⁴⁴ *ibid.*, p.152.

⁴⁵ Laplanche, J. *Problématiques II: Castration – Symbolisations*. Paris: PUF, 1980, p.19.

⁴⁶ Freud, S. Über infantile Sexualtheorien. *Gesamte Werke*. v. VII, p.179.

⁴⁷ Laplanche, J. *Problématiques II: Castration – Symbolisations*. Paris: PUF, 1980, p.43.

⁴⁸ *ibid.*, p.59.

⁴⁹ *ibid.*, p.64.

⁵⁰ *ibid.*, p.67.

⁵¹ Freud, S. Analyse der phobie eines fünfjährigen Knaben. *Gesamte Werke*, Vol. VII, p. 259-297.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. “Das Wecken durch den Traum — Die Funktion des Traumes der Angsttraum”, *Die Traumdeutung. Gesamte Werke*, v. II/III. Frankfurt: S. Fischer, 1987.

FREUD, S. “Die somatischen Traumquellen”, *Die Traumdeutung. Gesamte Werke*, v. II/III. Frankfurt: S. Fischer, 1987.

FREUD, S. “Die somatischen Traumquellen”, *Die Traumdeutung. Gesamte Werke*, v. II/III. Frankfurt: S. Fischer, 1987.

FREUD, S. “Die Traumentstellung”, *Die Traumdeutung. Gesamte Werke*, v. II/III. Frankfurt: S. Fischer, 1987.

FREUD, S. “Typische Träume”, *Die Traumdeutung. Gesamte Werke*, v. II/III. Frankfurt: S. Fischer, 1987.

FREUD, S. Analyse der phobie eines fünfjährigen Knaben. *Gesamte Werke*, v. VII. Frankfurt: S. Fischer, 1987.

FREUD, S. Aus der Geschichte einer infantilen Neurose. *Gesamte Werke*, v. XII. Frankfurt: S. Fischer, 1987.

FREUD, S. Hemmung, Symptom und Angst. *Gesamte Werke*, v. XIV. Frankfurt: S. Fischer, 1987.

FREUD, S. Über infantile Sexualtheorien. *Gesamte Werke*. v. VII. Frankfurt: S. Fischer, 1987.

FREUD, S. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse. *Gesamte Werke*, v. XI. Frankfurt: S. Fischer, 1987.

LAPLANCHE, J. “L’Angst dans la névrose”. *Problématiques I*. Paris: PUF, 1981.

LAPLANCHE, J. *Problématiques II: Castration — Symbolisations*. Paris: PUF, 1980.